



colômbia

40 anos de resistência

Guerrilheiros jogam vôlei em acampamento na selva/Todas as imagens: Yuri Martins Fontes

As FARC, o mais antigo grupo revolucionário guerrilheiro das Américas, comemora quatro décadas de fundação sustentando o fogo contra o governo, os paramilitares de direita e a ajuda americana

Yuri Martins **Fontes**

No final de maio de 1964, dezenas de milhares de soldados do Exército da Colômbia foram enviados para o povoado de Marquetália para reprimir 48 camponeses comunistas rebelados, que fugiram para as selvas e montanhas. Essa é a data tida como a da fundação da maior e mais antiga guerrilha das Américas, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Em 40 anos, aquela meia centena de revoltosos comandados por Manuel Marulanda – o histórico líder máximo conhecido como *Tiro Certo* – se transformou num grupo político armado com quase 30 mil homens, divididos em 60 frentes guerrilheiras e agindo em todo o território do país.

As FARC nasceram da incapacidade de as elites colombianas formularem um projeto nacional autônomo para o país. Após a grande crise de 1929, pela primeira vez o mundo passou a enxergar de outro modo o liberalismo ortodoxo, que vigorava inabalável desde o século 19. Começou a se cogitar, a partir de então, a intervenção do Estado na economia, de forma a minimizar as consequências da grande quebra iniciada nos EUA. Eram necessárias ati-

tudes urgentes que pudessem responder aos interesses das fragilizadas burguesias nacionais dos países dependentes.

Na América Latina, grandes representantes desse giro histórico foram Cárdenas, no México, Perón, na Argentina e Vargas, no Brasil. A nacionalização do petróleo e o investimento industrial foram importantes pautas desse amplo movimento. Na Colômbia, entretanto, o grande poder da ala conservadora, alinhada com o expansionismo estadunidense, impediu que reformas progressistas tivessem lugar.

Cem Anos de Solidão O processo que deu origem ao movimento guerrilheiro colombiano remonta aos anos imediatamente posteriores ao encerramento da 2ª Guerra Mundial, quando correntes liberais, aliadas a pequenos grupos socialistas de então, iniciaram uma guerra civil contra o governo conservador. As primeiras etapas desse conflito armado podem ser conhecidas nas páginas de *Cem Anos de Solidão*, grande obra do realismo fantástico de Gabriel García Márquez. Após 16 anos de luta e de algumas conqui-

tas políticas, os liberais tentaram frear o avanço, ao perceber que os socialistas ganhavam força além do esperado sob a influência do triunfo revolucionário cubano. Traíram o acordo com as esquerdas e passaram-se para o lado conservador. E partiram para a ofensiva, no episódio fundador das FARC.

Logo após, em julho de 1964, foi realizada uma assembléia de guerrilheiros, em que se definiu um programa agrário que daria a primeira bandeira para os revolucionários: eles deixaram de ser apenas combatentes camponeses para pregar, sob uma visão mais ampla, a luta pelo poder político. Naquele ano surgiram outros grupos revolucionários com distintas formas de organização e diferentes concepções ideológicas, como o Exército de Libertação Nacional (ELN), de orientação guevarista, e o Exército Popular de Libertação (EPL), com origem nas concepções da Revolução Chinesa, ambos ainda ativos.

É também dessa época o aparecimento de bandos oriundos da desestruturação das guerrilhas liberais, que já sem razão para existir e lutar, passaram a praticar a pilhagem da

população civil. Algum tempo depois, essas quadrilhas foram recrutadas por latifundiários da região, dando início aos primeiros grupos paramilitares.

Desde há alguns anos, com a intervenção dos EUA, batizada de Plano Colômbia, as possibilidades de paz no país se tornaram muito distantes. Após várias tentativas de negociações por parte do governo anterior, do liberal Andrés Pastrana, o atual presidente, Álvaro Uribe, ligado às elites agrárias e íntimo aliado dos EUA, busca no confronto sangrento a solução para exterminar os grupos revolucionários comunistas.

Acordo suspeito Enquanto isso, o interior da nação – onde 60% da população vive afundada na pobreza – é hoje uma terra sem lei, onde predomina o medo. Frequentemente, milícias paramilitares efetuam emboscadas e genocídios em estradas e povoados rurais. Apesar da violência desses grupos fascistas, ao fim de 2003 Uribe fechou um acordo de rendição e anistia com o maior deles, as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), que possui cerca de 5 mil combatentes. O acordo parece referendar não só a suspeita de que os paramilitares são bastante íntimos

do Exército colombiano, mas também as que ligam Uribe diretamente ao comando desses grupos.

No início deste ano, o fracassado Plano Colômbia, posto em prática em nome da erradicação do plantio de coca, ganhou um substituto: o Plano Patriota. Na prática, o plano em vigor é semelhante ao anterior, só que reforçado com alguns bilhões de dólares a mais. Consiste em uma intervenção militar ostensiva em plena Amazônia, com claros fins políticos, econômicos e territoriais. O apoio estadunidense ao governo de Uribe tem se materializado em armas, dinheiro, helicópteros, treinamento militar e até mesmo no despejo de substâncias químicas nas selvas, onde se ocultam os guerrilheiros. Vale dizer que os rios contaminados pela poluição nascem nos Andes e vêm desaguar na Amazônia brasileira, o que pode levar a sérios problemas ecológicos no curto prazo.

Mas as FARC têm se defendido e não deixam de fustigar o inimigo. Apesar do apoio dos EUA, no ano de 2003 houve em média 12 combates diários entre os guerrilheiros e seus oponentes. No total, morreram mais de 5 mil militares, policiais e paramilitares, enquanto do lado das FARC as baixas chegaram a cerca de

700, entre guerrilheiros e milicianos civis, segundo dados de organizações não-governamentais.

As FARC, além dos guerrilheiros armados, são compostas por mais três grupos. Uma milícia civil armada apóia os insurgentes em ações secretas de inteligência, no interior do país. Nas capitais provinciais, as ações revolucionárias de guerra estão por conta do Partido Comunista Clandestino Colombiano. E nos mais diversos rincões do país há grupos de simpatizantes, civis desarmados, que apóiam o abastecimento alimentício, por exemplo.

Imposto dos capitalistas Grande parte dos guerrilheiros das FARC é composta de camponeses pobres levados pela miséria às fileiras rebeldes. Lá aprenderam a ler e a lutar. Outros, com mais formação, vêm no grupo a única chance de mudanças políticas no país. Esses são preparados para os cargos de comando, estudando política, psicologia e economia.

As FARC se financiam, segundo o próprio comandante do Secretariado Geral, Raúl Reyes, principalmente do imposto cobrado dos “capitalistas que tenham mais de um milhão de dólares, independentemente da proveniência de seus capitais”. Reyes também esclarece a propalada ligação do grupo com o narcotráfico. “Não perguntamos ao empresário das transportadoras se seus caminhões foram comprados com dinheiro do narcotráfico. As FARC não têm cultivos, não negociam com narcóticos, não vendem favores aos narcotraficantes. As FARC subsistem da economia do país, apesar da campanha encabeçada pelos EUA que tem por fim desacreditar-nos, mostrar-nos não como uma organização revolucionária, mas como narcotraficantes, agora narcoterroristas. Mas é normal que os EUA façam isso, pois são nossos inimigos e, portanto, fazem o que devem fazer”. ■

Grande parte dos integrantes das FARC vem da população camponesa mais pobre, mas há gente com mais formação, que estuda política e psicologia para ocupar cargos de comando



Yuri Martins Fontes é filósofo e engenheiro. No final de 2001, durante viagem pela América Latina, esteve nas selvas da Colômbia, onde conviveu com os guerrilheiros das FARC por quase um mês.